

NO PINTCHA



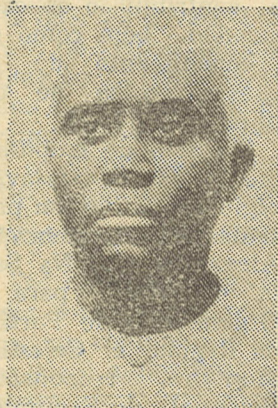
ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

CIMEIRA DOS PAÍSES AFRICANOS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA NA PRAIA



Os Chefes de Estado dos cinco países africanos de expressão oficial portuguesa deverão encontrar-se brevemente em Cabo Verde, no quadro das cimeiras da ex-CONCP, interrompidas em 1980, com os acontecimentos de 14 de Novembro. De acordo com as explicações do Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho da Revolução, Camarada João Bernardo Vieira, a data ainda não foi marcada, embora já se possa adiantar que os contactos com vista à sua realização iniciar-se-ão na primeira quinzena de Setembro próximo.

Esta previsão foi possível durante um encontro informal mantido em Trípoli entre os Chefes de Estado da Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e de Angola, e o Primeiro-Ministro de Cabo Verde, quando, num banquete a sós, aproveitaram a ocasião para trocar impressões sobre questões de interesse para os nossos países irmãos, nascidos na frente da mesma luta contra o inimigo comum. Recordar-se que duas cimeiras já foram efectuadas anteriormente em Luanda e Maputo. (Ver centrais)

● OUA: RASD NÃO É A RAZÃO PRINCIPAL (CENTRAIS)

REUNIÃO DOS NÃO-ALINHADOS

A Guiné-Bissau estará representada na reunião ministerial do Movimento dos Países Não-Alinhados que decorrerá de 19 a 20 deste mês, em Havana, pelo camarada Samba Lamine Mané, membro do BP do PAIGC e Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Esta reunião foi convocada para analisar a escolha de um outro país que deverá acolher a próxima cimeira de Chefes de Estado deste Movimento visto em princípio não poder realizar-se em Bagdad devido à guerra que opõe o Iraque ao Irão. Entretanto, a Índia ofereceu a sua capital para receber a cimeira.



ENVIADO ESPECIAL DE KAMPUCHEA

O Presidente do Conselho da Revolução, camarada João Bernardo Vieira, recebeu em audiência, na manhã de segunda-feira, o enviado especial do chefe de Estado de Campuchea, que lhe fez a entrega da mensagem do seu Governo.

Segundo Hao Nam Hong, membro do Comité Central e chefe da delegação, a mensagem refere-se à situação política do país e em particular às

últimas propostas de paz apresentadas por Laos e Vietnam, visando a estabilidade na região.

Em declarações prestadas aos órgãos de informação, à saída do Palácio da Presidência, aquele dirigente informou, por outro lado, que foi incumbido igualmente pelo Presidente do Comité de Estado da República Popular de Campuchea de formular ao chefe de Estado guineense um convite de visitar oficialmente aquele país asiático.

CHINA CONCEDE CRÉDITO

A República Popular da China concedeu um crédito à Guiné-Bissau no valor de 75 milhões de pesos, segundo um acordo assinado, no sábado passado, no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Pela parte do nosso Governo assinou o camarada Carlos Correia e pela parte chinesa rubricou o embaixador Liu Ying Xiang, residente em Bissau. (Ver Pág. 8)

● NELSON MANDELA

No decorrer do «processo de Rivónia», o mais tristemente célebre da história judiciária sul-africana, Nelson Mandela foi condenado a prisão perpétua em 1964. O antigo dirigente do ANC e fundador do «Umkhonto We Swize» (dois movimentos anti-apartheid interditos na África do Sul), entrou no dia 5 de Agosto no seu terceiro decénio de prisão racista. (Ver pág. 7)

● REBELIÃO NAS SEICHELES

Fontes da capital do Quênia anunciaram ontem que alguns elementos das forças armadas das Seicheles revoltaram-se na segunda-feira à noite, tendo-se apoderado da rádio oficial em Vitória.

Os rebeldes exigem a demissão de alguns ministros e chefes militares, e afirmaram-se fiéis ao presidente da República, France Albert René, que se encontrava ausente no momento da rebelião.

Até quando, senhor "CUNHA"?

Camarada Director:

É pela primeira vez que me dirijo à coluna dos leitores do nosso estimado jornal «Nô Pintcha», a fim de pôr à luz, a verdade do que se passa nos nossos mercados. Acontece que esta é a décima quinta vez, neste ano, que vou ao mercado principal, à procura do sempre desejado «mafé» e saio de lá com o saco vazio e com o senso abalado pela pouca vergonha e nítida «cunha» que é dado observar à multidão do povo que vai a esse centro à procura de peixe ou carne.

Francamente, camarada Director, quando é que morrerá definitivamente o senhor «cunha» na nossa terra? Enquanto persistir o senhor «cunha», o avanço desta terra continuará a ser como o arrastar de uma velha locomotiva.

Todo este meu desabafo advém do mesmo colorido filme que me foi dado observar, hoje, dia 9 no mesmo mercado, quando fui à procura de peixe para o meu consumo diário, como cidadão desta terra. Defronte do meu nariz e do fiscal Djone Jará, o peixe era só vendido para aqueles que se encontravam dentro do balcão, enquanto que os que ficaram na bicha, bem alinhadinhos, foram vendo o peixe sair para aqueles que tinham entregue dinheiro com antecedência lá em casa do pesador, sr. Baió.

Chamei mesmo atenção ao fiscal Djone, de que ia escrever para o jornal, e ele disse-me que podia escrever à vontade. Conheço bem a rispidez desse fiscal, mas, hoje, falhou escandalosamente. Talvez esse meu amigo fiscal julgasse que eu estava a brincar mas, como um honesto cidadão, estas coisas não se devem pôr para brincadeiras. É a nossa própria saúde que está em causa pois com a escassez do género alimentício com que o nosso país ainda se debate, não podemos permitir de maneira nenhuma, os corruptos e os srs. «Cunhas».

Bem disse o comandante Nino: denunciar todos aqueles que são contra o nosso desenvolvimento.

Por hoje termino e espero voltar brevemente a esta coluna para depôr tudo o que é de utilidade à nossa sociedade.

Para quando a morte do sr. «Cunha»?

JORGE ESTEVÃO

Mensagens de agradecimentos

O camarada Comandante de Brigada, João Bernardo Vieira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho da Revolução, recebeu uma mensagem de agradecimento do chefe de Estado egípcio, Hosni Mubarak, em resposta a uma outra enviada por ocasião da festa nacional daquele país, ocorrida em 23 de Julho passado.

O Presidente egípcio agradeceu Nino Vieira, e ao povo da Guiné-Bissau, pelos seus sentimentos profundos expressos na missiva e fez votos para que as relações entre os nossos dois

povos se fortaleçam no interesse comum e na paz e serenidade no mundo.

Por outro lado, o camarada Nino Vieira recebeu também mensagem de agradecimento em resposta ao telegrama enviado ao líder coreano, Kim Il Sung, por altura da celebração do 29.º aniversário da vitória do povo coreano na guerra de Libertação Nacional.

«É com grande satisfação que exprimo o agradecimento profundo pelas felicitações que me foram enviadas em nome do povo da Guiné-Bissau, do PAIGC e do

seu Governo, pela vossa firme determinação expressa à causa do nosso povo e pela reafirmação da Pátria coreana, no momento das comemorações do 29.º aniversário da vitória do nosso povo na guerra de Libertação Nacional, dizia o chefe de Estado coreano na sua mensagem.

A terminar, o líder coreano exprime a sua convicção de que «as relações de amizade e de cooperação entre os nossos dois países se reforcem e se desenvolvam cada vez mais, na base de vantagens recíprocas».

Catió: Comissão de mulheres toma posse

A camarada Arlete Cabral d'Almada, do Secretariado Nacional e responsável de Saúde e Higiene da Comissão Nacional das Mulheres, presidiu em Catió (Região de Tombali) a cerimónia oficial de empossamento das responsáveis regionais das mulheres.

Assim, foram designadas cinco camaradas, que doravante passarão a desempenhar as seguintes funções: Georgina Cruz Funny, primeira responsável regional e responsável para a organização e formação de quadros; Cára Djassi, responsável pela administração, finanças e informação e propaganda; Maria Sábado Silva Ferreira, responsável jurídico-social, saúde e higiene; Bacadi, responsável de produção popular e Maria João Cá da

Silva, responsável pela educação e cultura.

No decorrer da cerimónia, a supervisora regional da CNMG explicou às militantes quais as relações existentes entre o nosso Partido-PAIGC e a C.N.M.G., o porquê da realização do Congresso das Mulheres, tendo falado detalhadamente da necessidade de uma real participação financeira no que se refere

à contribuição de cada cidadão, bem como do preenchimento de fichas e recolha de dinheiro de quotas.

No acto de empossamento das responsáveis regionais estiveram presentes os camaradas Alexandre Cul Na Sálila, secretário para a Organização do Partido na Região e Celestino Monteiro, responsável Regional de Segurança e população em geral.

Desenvolvimento Rural

A discussão do aumento de ajuda ao Ministério do Desenvolvimento Rural, em especial na aquisição de factores de produção a partir do próximo ano, foram os pontos debatidos numa audiência concedida pelo Ministro do Desenvolvimento, Paulo Correia, ao director da USAID (Or-

ganismo dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), James Anderson, na passada semana.

No referido encontro que decorreu de forma satisfatória, ficou patente o interesse daquele organismo em intensificar as ajudas ao nosso país.

Assembleia da DICOL

Regressou na passada quarta-feira a Bissau, após uma semana de estadia em Portugal, onde manteve contactos com entidades ligadas à PETROGAL, o camarada Carlos Gomes Júnior, director da DICOL (Empresa de Distribuição de Combustíveis e Lubrificantes. Na sua permanência na capital portuguesa, aquele responsável analisou com as autoridades portuguesas questões relativas à realização da próxima Assembleia Geral, prevista para este mês, em Bissau.

O camarada Carlos Gomes Júnior discutiu ainda a possibilidade do envio do pessoal da PETROGAL ao nosso país, a fim de conceder apoio e assistência técnica à empresa guineense bem como o envio regular de combustíveis. No entanto, uma nota enviada à nossa redacção confirma a realização da Assembleia Geral da DICOL para o dia 31 de Agosto, em Bissau, na sede social em Bandim, com início às 15 horas.

Nesta Assembleia Geral, os pontos de ordem serão a apreciação e votação do relatório e contas do Conselho da Administração, parecer do Conselho Fiscal relativo ao exercício de 1981 e diversos.

Responde o povo

Acha que haverá uma terceira guerra mundial?

O século XX é marcado por dois acontecimentos que abalaram o mundo: a primeira e a segunda Guerra Mundial; sendo a primeira, recorde-se, de 1914 a 1918 e a segunda, de 1939 a 1945. Nestas duas guerras, a Alemanha imperialista apostou furiosamente emergir à testa dos demais países fortes para dominá-los e tornar-se a senhora do mundo. Mas todos estes cálculos desmoronaram-se como um castelo de papéis exposto a uma tempestade.

Agora, paira no ar a possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial, facto este confirmado pelas corridas aos armamentos. Vejamos o que nos disseram os camaradas inquiridos sobre o assunto.

KREMLIN E CASA BRANCA TÊM A PALAVRA

Júlio Nhaga, 25 anos, 1.º secretário da UNTG, na Região de Cacheu — «A eventualidade de uma terceira Guerra Mundial? Bem, isto é uma das preocupações que a humanidade está a enfrentar actualmente. Há focos de tensão que pairam,

o que leva a crer que haverá uma terceira Guerra Mundial. O que será da Terceira Guerra Mundial se tomarmos em conta o grau de desenvolvimento da técnica moderna actual? Portanto, isto é um problema complexo que a humanidade está a enfrentar, quando surgem conflitos, que levam a crer que surgirá uma terceira Guer-

ra Mundial, mas que felizmente se resolvem pacificamente, mas isto não quer dizer que não poderá haver uma terceira Guerra Mundial. Neste sentido, se fizermos uma retrospectiva da história da humanidade, lembrando os danos causados só pela segunda Guerra, levamos a não desejar que se repita este acontecimento. Penso que a humanidade já teve experiências bastante dolorosas... Agora pergunto quem poderá fazer esta terceira Guerra Mundial? Se dentro deste contexto conjugarmos os processos das duas super-potências actuais, podemos chegar facilmente à conclusão de que Kremlin e Casa Branca têm a palavra na terceira Guerra

Mundial. Portanto, acho que a URSS e os EUA têm palavra para criar premissas, evitando assim a terceira Guerra Mundial».

O IMPERIALISMO AGONIZANTE PODERÁ PROVOCAR A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

Armando Albino da Fonseca, 26 anos, trabalhador das Obras Públicas — «O antagonismo das duas ideologias (imperialismo e socialismo) é um factor que poderá vir a provocar uma terceira Guerra Mundial. Mas quem mais está a provocar a possibilidade duma nova Guerra são os regimes agressores israelita e sul-africano, que com a juda do Ocidente

fabricam as bombas atómicas. Pensando bem, o imperialismo agonizante é que poderá provocar a terceira Guerra. Porque se formos a ver as coisas no fundo, os países socialistas defendem a liberdade de todos os povos. Podemos ver a ajuda dada pela URSS à Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, para se libertarem do colonialismo português».

AS AGRESSÕES DA ÁFRICA DO SUL E DE ISRAEL PODEM CONTRIBUIR PARA A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

Hélder Augusto Évora, 25 anos, funcionário dos Recursos Naturais — «Eu não desejo que aconteça a terceira Guerra Mundial, mas a

situação que estamos a constatar actualmente poderá originar uma terceira Guerra Mundial. Temos como exemplo evidente países como Israel e África do Sul. A agressão feita por estes países são factores que contribuem para o agravamento da tensão e que, por conseguinte, poderá vir a provocar uma terceira Guerra Mundial. Porque é que Israel não agride a URSS? Porque se o fizer arrepender-se-á. É por isso que só faz abuso na Palestina. Entretanto, penso que a ONU não está a trabalhar convenientemente, o que quer dizer que os EUA estão a jogar muito forte, porque muitas decisões tomadas contra Israel e África do Sul vão por água abaixo».

Rigorosidade nas matrículas do ensino secundário

Estão a decorrer as matrículas automáticas no Liceu Nacional Kwme N'Krumah e nas instalações da Unidade Escolar 23 de Janeiro (FARP).

Para o Liceu de Bissau, a data das matrículas automáticas vai de 16 a 28 do corrente mês para os alunos que re-

petiram ou estudam o mesmo ciclo, estando neste caso os da 7.ª, 8.ª, 9.ª, 10.ª, e 11.ª classes. Na unidade 23 de Janeiro, o período das matrículas vai de 16 a 21 e para os do primeiro ingresso, de 23 a 25 deste mês.

Entretanto, as matrículas do primeiro in-

gresso serão de acordo com a capacidade do estabelecimento de ensino depois do que se irá estabelecer uma selecção rigorosa dos alunos, por idades.

Consideram-se matrículas automáticas as que dizem respeito a alunos transitados ou repetentes, dentro do mesmo ciclo de estudo,

enquanto que as matrículas de novo ingresso dizem respeito a alunos que ingressam pela primeira vez num ciclo de estudo.

As escolas do ensino básico elementar e do ensino básico complementar já efectuaram as suas primeiras matrículas.

Já há cerveja

A Cicer (Companhia Industrial de Cervejas e Refrigerantes) pode, efectivamente, normalizar a situação de abastecimento do seu produto no mercado nacional, ainda esta semana.

De facto, aquela indústria cervejeira recebeu sucessivamente nos dias 11 e 12 do corrente a quantia de 150 mil e um milhão de cápsulas respectivamente e outras ma-

térias primeiras que já começavam a escassear.

Segundo apurámos junto da fábrica, deverão chegar ainda dentro de dias mais 30 milhões de cápsulas provenientes da França. Com a vinda deste carregamento a Direcção da Cicer afirma que ficará resolvido o problema da produção e abastecimento normal ao público dos seus produtos pelo menos a médio prazo.

Encontrado morto no porto de Bandim

Um homem foi encontrado recentemente morto numa das embarcações (canoas) pesqueiras no porto de Bandim, em Bissau.

Segundo declarações do guarda da GUIALP (Sociedade Mista de Pesca Guiné-Argelina) o sinistrado chamava-se Lamine Badjul. Era desempregado e sem residência fixa, pelo que dormia geralmente nas referidas embarcações. Quando lhe apetecia trabalhar, vendia a sua

força de trabalho aos pescadores «nhomin-cas».

Informações colhidas junto do Departamento Regional de Investigação Criminal indicam que o malogrado deveria ter encontrado a morte na madrugada do passado dia 3, devido ao estado de rigidez em que se encontrava o corpo quando os agentes compareceram no local. Entretanto, não foi apurada a causa da morte.



Agostinho: Este mês é a esperança dos lavradores

Na sua habitual ronda de entrevistas aos leitores, o Nô Praça contactou um velho, lavrador de profissão, cuja única ambição de momento é que a morte o venha resgatar desta canseira, visto não ter nenhum herdeiro. Pois a morte levou-lhe os dez que tinha,

Como se chama e que idade tem?

— O meu nome é Agostinho Cá e tenho 78 anos de idade.

É casado?

— Sim.

Quantos filhos tem?

— Nenhum. Nenhum não, pois tive dez filhos, mas a morte levou-mos todos.

Concorda com a poligamia?

— Não, não concordo com a poligamia, porque o meu pai sempre teve uma mulher e foi o seu exemplo que sempre segui.

As chuvas deste ano são regulares ou não?

— Para mim, ainda não choveu nada, em comparação com o ano passado.

Que previsão faz deste ano agrícola?

— Este ano, a lavoura não está a marchar bem como o ano passado, embora ainda falte alguns dias para terminar o mês de Agosto pois, é o único mês de esperança para os lavradores.

Lavrou muito? Porquê?

— Não lavrei muito nem pouco, pois o que o camarada vê lavrado, é todo o meu campo. Todos os anos castumo lavrá-lo todo. A colheita é que difere.

E no ano passado?

— Como já disse ao camarada, lavrei este talhão todo no ano passado e tive uma boa colheita porque houve bastante chuva. Este ano não tenho

assim grandes esperanças, pois até agora não há água suficiente.

O que mais deseja na sua vida?

— Desejava poder ter os meus filhos, que eram num total de dez. Mas todos morreram, pelo que não tenho outra ambição senão esperar pela morte, que me virá resgatar desta canseira.

Qual é o maior acontecimento que já presenciou na sua vida?

— Para mim, já vi e enfrentei momentos difíceis e também momentos bons, tanto assim que não sou capaz de situar os mais importantes.

Já ouviu falar de crédito agrícola?

— Não, nunca ouvi falar disso.

(Depois que o jornalista explica o que é o crédito agrícola, o nosso entrevistado afirma).

— Concordo inteiramente com essa iniciativa, pois o Estado é nosso, e ele certamente não quer ver a sua gente passar fome, pelo que o empréstimo agrícola é uma coisa bastante importante. Portanto, para além de acabar com a fome, ajudá-los que tiverem força a levantar e possivelmente a serem ricos.

Que outras profissões teve?

— A minha única profissão foi lavrador, mas o arroz que lavro não chega para todo o ano.

Falta de táxis

Toda a gente se tem queixado da falta de táxis na cidade de Bissau principalmente agora que estamos no tempo das chuvas. Esta situação agrava-se ainda mais com a escassez de autocarros da Siló Diata.

Num dia de chuva, uma pessoa fica horas

esquecidas à esquina de uma rua ou avenida para ver se consegue apanhar um táxi mas, todos passam cheios.

Alguns condutores abordados pelo Nô Praça afirmam que a falta de táxis em todo o país deve-se a dois factores: «Primeiro, porque mes-

mo que tenhamos dinheiro não podemos adquirir viaturas para por na praça devido à paralisação da EGA (Empresa Guineense de Automóveis). Segundo, os «N'haye» que compramos em tempos estão quase todos parados por falta de peças sobressa-

lentes. Além disso, de vez em quando sentimos a falta de combustível».

Apesar de várias críticas que têm sido feitas pelo público aos taxistas, neste aspecto eles têm feito o impossível para satisfazer as necessidades de todos os cidadãos.



Farmácias

HOJE — «Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone 212702

AMANHÃ — «Belém» — Bairro de Belém, telefone 213473

SEXTA-FEIRA — «Higiene» — Rua António N'Bana, telefone 212520

Cinema

MATINÉE — «AJUSTE DE CONTAS» para maiores de 13 anos

SOIRÉE — «A ÚLTIMA LOUCURA» para todas as idades

A RASD não é a razão pri

Do nosso enviado especial — Seis dias foi o tempo de permanência do chefe de Estado guineense na capital da Líbia. Outros chefes de Estado e delegações representadas fizeram mais dias, e outros menos. O programa estipulava quatro dias para os trabalhos da Cimeira da OUA que, infelizmente, não se chegou a concretizar, em consequência da indiferença de certos dirigentes africanos —

34) para que o dilema fosse resolvido.

A ida dos 32 países representou coragem e força de vontade, de lutar de facto, contra as tendências de fracasso da OUA, pois, duas semanas antes, os seus representantes, a nível de ministros de Negócios Estrangeiros, já vinham enfrentando a mesma situação. 37 delegações estavam, então, concentradas para iniciar a reunião ministerial que

apoiantes da admissão (que já goza dos estatutos de membro, e que aguardava apenas a confirmação pela Cimeira. «Por uma questão essencialmente de princípios políticos, não podemos recuar quando um amigo está em causa. Porque fizemos a guerra nas mesmas condições que o povo saharauí e fomos apoiados pelos Estados africanos que viram na nossa luta uma razão. Apoiaremos também todos os povos que

No seio do segundo grupo figuram os mais radicais que exigem, pura e simplesmente, a anulação total da decisão do Conselho de Mi-

que participasse no Conselho de Ministros. Tudo foi em vão, e foi a partir de então que as intensões de um boicote deliberado começaram a ser notadas ao vivo. Os chefes de Estado que, por qualquer razão, não mantêm boas relações diplomáticas com o Governo líbio ou que sofrem certas influências das correntes que não concordam, com a política anti-colonialista e anti-imperialista do Presidente Kadhafi, conforme se justifica em Tripoli, mantiveram-se num silêncio activo, havendo os que acusaram o líder da revolução líbia de ser responsável pela desestabilização de Estados vizinhos, e apoiar grupos de subversão popular. Kwame N'Krumah era alvo de tais condenações por aceitar refugiar no Ghana elementos considerados opostos aos regimes impopulares, nessa altura.

Esta acumulação dos factos veio a conduzir a que vários Chefes de Estado reconhecessem que a RASD não é o alvo principal, mas também a figura de Kadhafi, ocultamente temida por aqueles que tentam manter a dominação camuflada sobre os nossos países. Tenhamos a franqueza de o anotarmos, sem, no entanto, dissociarmos essa imagem de um certo anti-

conformismo, próprio dele. A constatação de tal situação que ameaça a OUA, preocupou seriamente os dirigentes africanos, quando, a 5 do corrente, dia inicialmente marcado para a abertura da Cimeira, os delegados dos países presentes não ultrapassavam o número de 28. Sem exagero nem modéstia, o clima que se vivia nesses dias em Tripoli era considerado de nervosismo político nos meios oficiais, entre os dirigentes líbios e os visitantes que vieram nessa Conferência, mais uma oportunidade de debates profundos para a resolução de problemas que mais afectam a paz e o desenvolvimento sócio-económico dos nossos povos, ainda submetidos à exploração dos mais desenvolvidos. A coerência de princípios predominava em cada um dos governantes ali presentes, além daquilo que se podia considerar de solidariedade para com o Presidente da Jamahiriya Líbia, que fez tudo para que nada faltasse ao encontro, desde os aviões, passando pelos requintados hotéis, salões e infra-estruturas, exclusivamente construídos para a Cimeira da OUA, até ao Palácio do Povo. Face a esta situação

de reflexão sobre o perigo que ameaça a OUA. Pois, sem a 19.ª não haverá a 20.ª Sessão ordinária. É por este motivo que os signatários da resolução de Tripoli constituíram um grupo de contacto formado de sete países que prepararão uma Cimeira extraordinária para salvar a nossa organização continental. São eles: Tanzânia, Congo, Zâmbia, Argélia, Mali, Líbia e Moçambique. A Cimeira deverá ser organizada de novo e nunca para depois da Assembleia Geral das Nações Unidas, na qual o Presidente da OUA deverá representar o Continente Africano. Os 29 altos dirigentes africanos reafirmam o seu empenho firme em assegurar a libertação total da África, tendo acentuado que «não ha-

sem exagero nem modéstia, o clima que se vivia nesses dias em Tripoli era considerado de nervosismo político nos meios oficiais, entre os dirigentes líbios e os visitantes que vieram nessa Conferência, mais uma oportunidade de debates profundos para a resolução de problemas que mais afectam a paz e o desenvolvimento sócio-económico dos nossos povos, ainda submetidos à exploração dos mais desenvolvidos.

A coerência de princípios predominava em cada um dos governantes ali presentes, além daquilo que se podia considerar de solidariedade para com o Presidente da Jamahiriya Líbia, que fez tudo para que nada faltasse ao encontro, desde os aviões, passando pelos requintados hotéis, salões e infra-estruturas, exclusivamente construídos para a Cimeira da OUA, até ao Palácio do Povo. Face a esta situação

de reflexão sobre o perigo que ameaça a OUA. Pois, sem a 19.ª não haverá a 20.ª Sessão ordinária. É por este motivo que os signatários da resolução de Tripoli constituíram um grupo de contacto formado de sete países que prepararão uma Cimeira extraordinária para salvar a nossa organização continental. São eles: Tanzânia, Congo, Zâmbia, Argélia, Mali, Líbia e Moçambique. A Cimeira deverá ser organizada de novo e nunca para depois da Assembleia Geral das Nações Unidas, na qual o Presidente da OUA deverá representar o Continente Africano. Os 29 altos dirigentes africanos reafirmam o seu empenho firme em assegurar a libertação total da África, tendo acentuado que «não ha-



Um aspecto da reunião informal. A terceira pessoa, a contar da esquerda para direita, é o Comandante Nino Vieira, ladeado do Presidente da Etiópia e do representante do Lesotho

classificada de boicote deliberado, por alguns observadores — que se recusaram a participar naquilo que se previa ser a 19.ª Cimeira ordinária da organização pan-africana.

O «quorum», de dois terços, necessário para que a reunião fosse válida, segundo a Carta da OUA, não foi, portanto, atingido. Dos 51 países reconhecidos pela organização, apenas 32 marcaram presença na capital líbia, faltando apenas dois (eram precisos

antecede a Cimeira anual, mas, sob o pretexto da admissão da RASD na OUA, algumas abandonaram Tripoli impedindo a realização da 39.ª sessão do Conselho de Ministros.

Viveu-se então uma situação que os chefes de Estado viriam a presenciar. Segundo um diplomata, os ministros viram-se embrenhados numa acesa discussão que reflectia posições de dois grupos contrários — os que (designados por «os 26»

nistros sobre a admissão do Sahara, o que, para «os 26», significaria um recuo de 180 graus e a rejeição da RASD. Nesse mesmo grupo, há os mais moderados que apenas propõem assistir à reunião ministerial com a condição de a RASD não participar em nenhuma das sessões.

Para os países apoiantes da RASD — entre os quais a Guiné-Bissau — aceitar essas posições seria expulsar o Sahara de uma organização em

lutam pela justa causa de libertação contra quem quer que seja».

A RASD NÃO É O ÚNICO ALVO

Essa posição firme assumida por vários países, deu mais azo para o abandono de Tripoli de uns e de ameaças de outros. Honestamente, sacrificando-se a si própria, a delegação da RASD ofereceu-se voluntariamente a não assistir à Conferência dos chefes de Estado, desde

Opinião dos participantes

Como forma de despertar um pouco de curiosidade aos nossos leitores, transcrevemos parte de opiniões de alguns chefes de Estado que assistiram à reunião informal, em Tripoli:

Moussa Traoré (Mali) — «A salvaguarda da OUA é a preocupação prioritária e, unânimemente expressa por todos os chefes de Estado presentes em Tripoli».

Mohamar El Kadhafi (Líbia) — «Poderíamos reunir um Cimeira da OUA sem o «quorum», porque a Carta em si, já estava violada. Mas, para preservar a Unidade Africana, preferimos sacrificarmo-nos para salvar essa unidade».

Kenneth Kaunda (Zâmbia) — «Os participantes nesta reunião vão tomar decisões que não serão da OUA, mas de mais de 30 países africanos. Aqueles que não vieram, são os que não estão de acordo com a acção de luta conduzida pelo coronel Kadhafi».

Samora Machel — «Se nos resignarmos, isso significa que rendemos perante o imperialismo que ataca a Jamahiriya e tenta isolar o seu presidente».

Nyerere (Tanzânia) — «A ausência de alguns chefes de Estado nesta reunião deve-se às pressões exteriores a África».

Didier Ratsiraka (Madagáscar) — «Nós fizemos a nossa reunião na Líbia, terra da liberdade e da revolução, para definir os outros e para rejeitar a manobra daqueles que querem matar a Organização».

Matiew Kerekou (Benin) — «Reunimo-nos aqui para travar uma luta contra o imperialismo e a reacção, uma luta que não precisa de «quorum».

Chadli Benjedid (Argélia) — «Os que não vieram recebem ordens do exterior. Eles desafiam a nossa dignidade e nós estamos aqui para rejeitar a chantagem, respeitando a Carta da OUA».

Principal da falta de "quorum"

que põe em risco a desintegração da Organização da Unidade Africana, os Chefes de Estado ali presentes movimentaram-se rapidamente, na tentativa de evitar que a Cimeira falhasse. O Presidente Julius Nyerere, estadista de larga experiência e defensor da causa da Unidade, esteve no centro das diligências empreendidas ali e acolá, entre os Chefes de delegações fazendo reuniões individuais de concertação de ideias e opiniões para a tomada de posições comuns que permitissem ultrapassar aquilo a que muitos chamam de «crise da OUA». Ele próprio presidiu à primeira reunião informal realizada no dia 6, num salão do Hotel de Bal Bahar, em Madina.

Foi nesse dia que os chefes de Estado emitiram um comunicado à Imprensa, apelando vivamente a todos os que não estiveram presentes a mandarem suas delegações a Tripoli, a fim de evitar que o divisionismo se apodera da nossa organização, criada há 19 anos pelos nobres ideais de defender a integridade e os interesses do continente o que só compete aos africanos — «afrique il afriquiâh», que em árabe significa «África para os africanos».

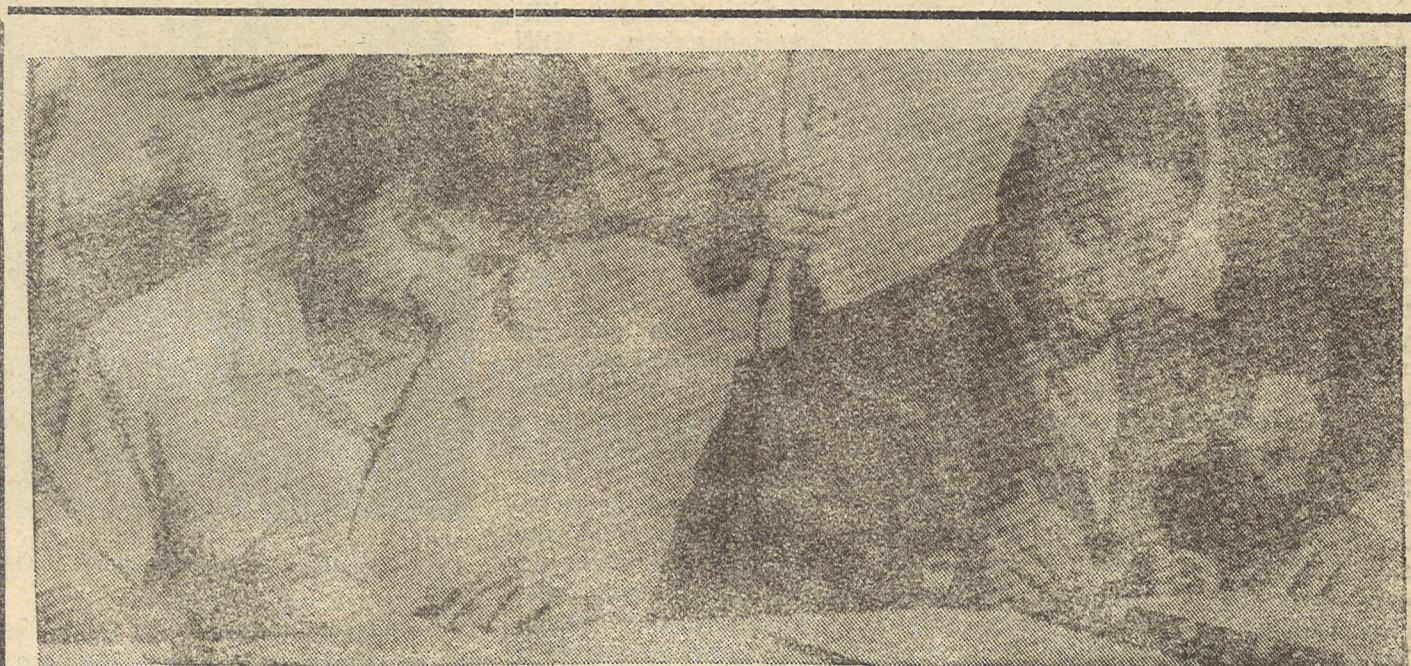
Nada mais conseguiram

do que 32 representações dos quais 29 assistiram aos trabalhos da conferência informal realizada nos dias 8 e 9, no Palácio do Povo, pois, o Kénia, Togo e Nigéria, os últimos a enviar as delegações, estiveram nos hotéis e recusaram-se a assistir à reunião, enquanto não se atingisse o «quorum» de 34.

«ÁFRICA COMBATENTE»

Muito resumidamente, esta é a imagem que envolveu a Conferência de chefes de Estado em Tripoli que, no final, deixaram bem claro o carácter particular de se reunirem não em nome da OUA, aproveitando-se dessa oportunidade de estarem juntos e, nas palavras de Julius Nyerere, de poderem representar «um congresso da África combatente». Foi o que ele disse nos debates. E um diplomata líbio afirmava resolutamente, em conversa com o jornalista, nos corredores do Palácio:

«Nós não consideramos isso um fracasso. Antes pelo contrário, sentimo-nos honrados por ser aqui, na Líbia, o filtro da nossa organização pan-africana. Assim ficamos a conhecê-los. Pois, é nos momentos mais difíceis que os amigos se conhecem e se aproximam».



Cooperação Líbio-Guineense

Um protocolo de cooperação foi assinado entre a Guiné-Bissau e a Jamahirya Árabe Líbia Socialista, durante a estadia, em Tripoli, do Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho de Revolução, camarada Nino Vieira. O protocolo, assinado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Samba Lamine Mané, com o seu homólogo líbio, é o resultado de conversações mantidas a nível de Chefes de Estado e de ministros presentes, e dizem respeito à cooperação técnica, científica e cultural, para a execução da qual foi acordada a criação de uma Comissão Mista Guiné-Bissau/Líbia.

Por outro lado, criou-se uma Comissão sobre a constituição de uma sociedade Mista, «Holding», ligada aos projectos de saúde, pescas e outros sectores de desenvolvimento de interesse para ambas as partes. A Comissão deverá reunir-se em Bissau, em Novembro próximo.

Tanto o chefe de Estado guineense, em declarações à Imprensa Nacional, como o ministro dos Negócios Estrangeiros, intervindo no acto da assinatura do

acordo, no Grande Hotel, em Tripoli, manifestaram o seu contentamento por mais uma possibilidade de reforço de amizade e cooperação com aquele país amigo, tendo enaltecido o papel do Governo local pelas ajudas que nos tem fornecido desde a luta armada, assim como o lugar que ocupa na vanguarda da luta dos povos africanos pela sua libertação.

Paralelamente à sua intensa participação nos trabalhos da Conferência de Tripoli, o Comandante de Brigada, João Bernardo Vieira, aproveitou a ocasião para se avistar com vários Chefes de Estado que, segundo ele, «exprimem os mesmos sentimentos e ideias sobre a nossa organização continental». Entre eles, citamos apenas os das antigas colónias portuguesas em África, com quem analisou a possibilidade da convocação de uma próxima Cimeira entre os cinco, como já se tinha feito em Angola e Moçambique. Cabo Verde ofereceu-se para a organizar e, a data será marcada oportunamente. No entanto, segundo Nino Vieira, julga-se que os contactos de preparação deverão iniciar-se a partir de Setembro.

Preparação de Tripoli: Tem que haver Cimeira

verá paz, estabilidade, nem segurança na África Austral, enquanto a Namíbia não alcançar a sua independência real. Da mesma forma, o sistema do «apartheid» na África do Sul não será destruído».

Assim, os declarantes reafirmam o seu apoio ao plano de acção de Arusha sobre a Namíbia e convidam todos os Estados africanos a contribuir para a execução de tal plano.

Segundo aquele documento, lido pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros de S. Tomé, Graça Amorim (Presidente do Conselho de Ministros que participou activamente na preparação da Cimeira falhada), os chefes de Estado rejeitam totalmente as manobras da África do Sul e de seus aliados po-

tenciais, que tentam ligar a presença das forças internacionalistas cubanas em Angola ao processo de descolonização da Namíbia. Pois, a presença na RPA diz respeito à inteira soberania desse país.

Exigem, por isso, a retirada imediata dos racistas sul-africanos do Sul de Angola e lançam um apelo à Comunidade Internacional para que intensifique os esforços com vista a pôr fim às atrocidades contra o povo angolano.

Lançam igualmente um apelo vibrante aos Estados africanos para que concedam assistência moral e material necessárias à RPA, aos Estados da Linha de Frente e aos movimentos de libertação. Pois, segundo as próprias palavras do Presidente Eduardo dos Santos,

Angola presta o seu apoio à Namíbia e sofre fortes agressões sul-africanas porque está a cumprir a Carta da OUA que preconiza ajuda aos movimentos de libertação no Continente.

Condenaram actos de agressão aos países da Linha de Frente e convidam a Comunidade Internacional a aplicar sanções económicas que compreendam o embargo petrolífero contra a África do Sul, conforme recomendações do capítulo VII das Nações Unidas.

Por outro lado, os participantes à reunião de Tripoli saudaram a República Árabe Saharaoui Democrática pelo espírito de compreensão e de cooperação revelado no sentido de assegurar o sucesso da 39.ª Sessão do Conselho de

Ministros e da 19.ª Cimeira da OUA, que acabaram por ser boicotadas. Reafirmaram a sua solidariedade ao povo saharauí em luta e convidam as duas partes — Marrocos e Sahara — a se empenharem na procura de soluções para acabar com o conflito que se lhes opõe.

Sobre o Tchad, os Chefes de Estado africanos exprimem a sua profunda preocupação perante a deterioração da situação nesse país com a retomada da guerra, que se traduz na destruição da integridade territorial e da unidade nacional do Tchad. Nessa base, felicitaram os esforços antes consentidos pelo Governo líbio para pôr fim à guerra, que contribuiu para o restabelecimento da paz no território e afirmam o seu apoio

aos Acordos de Lagos, concernentes a uma nova reconciliação no país...

A invasão sionista de Israel contra o Líbano, não deixou também de merecer forte condenação dos 29 Estados reunidos em Tripoli, que exigiram a retirada imediata dos sionistas desse país. Reiteram, por fim, a sua solidariedade ao povo palestino e a sua vanguarda revolucionária, a OLP, em luta pelo seu direito à autodeterminação e à independência. Antes, porém, o Presidente Kaunda, da Zâmbia, tinha avançado com a ideia de apoio solidário à OLP «perante a fraqueza da Liga Árabe, cujos membros (alguns) investem dinheiro às potências estrangeiras contra os povos árabes e palestinos».

Os 29 países que estiveram presentes em Tripoli: Argélia, Angola, Benin, Botswana, Burundi, Cabo Verde, Congo, Etiópia, Ghana, Guiné-Bissau, Lesotho, Líbia, Madagascar, Mali, Moçambique, Uganda, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Sheycheles, Swazilândia, Tanzânia, Tchad, Zâmbia, Zimbábue, Maurícias, Mauritânia, RASD, Malawi, República Centro Africana. Compareceram em Tripoli, mas não se fizeram representar formalmente na reunião de Chefes de Estado, por não haver o «quorum» a Nigéria, o Quénia e o Togo. Anteriormente, estiveram também na capital líbia as delegações do Níger, Alto Volta e Djibuti, mas deixaram Tripoli antes da data prevista para a abertura da cimeira.

Encontro da Educação Física: A preocupação de uma acção conjunta

O Segundo Encontro de Quadros Técnicos da Educação Física e Desporto, cuja sessão de trabalhos durou quatro dias, elaborou um extenso relatório final no qual recomenda aos vários organismos nacionais ligados directa ou indirectamente a este sector, as medidas imediatas para colmatar o vazio existente no nosso desporto.

O Encontro, presidido pela camarada Dulce Borges, directora-geral do Ensino, terminou os seus trabalhos na passada terça-feira dia 10, na presença do Ministro da Educação, Avito da Silva e do Secretário de Estado da Juventude e Desportos, Adelino Nunes Correia. Conforme referimos na edição anterior, foram escutados e debatidos os relatórios regionais, excepto o de Tombali, por falta de comparência dos professores dessa região.

O relatório emanado deste encontro é uma recomendação a vários organismos estatais entre os quais a Educação Nacional, a Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, Comitês regionais, FARP, Órgãos da Comunicação Social,

JAAC, UNTG, Comissão Nacional das Mulheres entre outros. Dele ressalta a preocupação dos professores e técnicos sobre a necessidade de um esforço comum e conjunto entre os mesmos para que a educação física e o desporto sejam uma realidade no país. Aliás, o tema do encontro «Tarefa de todos nós» traduz em síntese e com eloquência esta preocupação.

Alguns pontos deste relatório já tinham sido objecto de análise do primeiro encontro, o que significa que nem tudo fora levado a efeito, apesar da Educação Nacional ter aprovado e posto em acção algumas resoluções do primeiro encontro.

Desta forma, o II Encontro de Quadros Técnicos recomenda ao Ministério da Educação Nacional a designação de uma região modelo em Educação Física e Desporto, para assim estimular professores, alunos ou encarregados de educação; que a Direcção-Geral de Material e Património providencie em colaboração com a DACE — Departamento de Actividades Circum-Escolares — na repara-

ção e construção de recintos desportivos que favoreçam a prática da Educação Física e Desporto; que sejam diligenciadas entre o MEN e o Ministério do Comércio e Artesanato a garantia de aquisição no exterior de equipamentos, materiais e artigos desportivos; que seja decretada a oficialização da realização dos Jogos Escolares nacionais de dois em dois anos, em concordância com a Secretaria da Juventude e Desportos, variando a sua efectivação de região para região desde que hajam condições para tal, e, atendendo que a disciplina curricular do nosso ensino, recomenda-se que a avaliação a utilizar seja de 60 pontos em cada período para se poder transitar de classe.

Entre outros, pode-se distinguir a instituição no Ensino Pré-Escolar da obrigatoriedade da prática da Educação Física.

À Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, o Encontro recomenda que seja realizada brevemente a 2.ª Conferência Nacional de Educação Física e Desporto, com vista a adop-



Urge oficializar os Jogos Escolares devido ao seu importante papel no Desporto Nacional

tar o organismo dirigente do desporto nacional com estruturas que favoreçam relações orgânicas a estabelecer entre esta instância com a escola, o trabalho, o exército, cultura e tempo livre, sem esquecimento da participação feminina; que seja regulamentada e oficializada as escolas do desporto existentes na base de um estatuto próprio, dotando-lhes de meios materiais e humanos para um cabal funcionamento; elabo-

ração de uma Carta Desportiva Nacional com vista a possibilitar a definição da política desportiva nacional; obrigatoriedade aos clubes e associações desportivas, para a época 1982/83, de nomearem delegados para frequentarem cursos organizados pela ENEFD para monitores, treinadores e massagistas das várias modalidades.

Aos órgãos da comunicação social o Encontro recomendou entre

outros a criação urgente de um suplemento desportivo anexo ao Jornal Nô Pintcha e a difusão através da RDN, de aulas de Ginástica, que possam ser realizadas em casa.

Salienta-se que este encontro contou com a participação activa dos professores da Educação Física, técnicos e praticantes desportivos, além de vários convidados das organizações de massas, FARP e agremiações desportivas.

Campeonato de Bandim-2

Como é tradicional no nosso «mundo» futebolístico, o fim do campeonato nacional de futebol coincide com uma amálgama de campeonatos a nível de bairros da capital e de todas as regiões do país — denominado campeonato de defeso. Este fenómeno natural testemunha eloquentemente o impacto do futebol na camada juvenil.

Só que este campeonato organizado por «carolês» não despertou ainda (in) felizmente, a curiosidade e interesse da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, a ponto de o ver como um substituto dos campeonatos em outras categorias inexistentes.

Entretanto, segundo conseguimos apurar, principalmente nos lugares onde nos conseguimos deslocar, este ano foi reduzido substancialmente o número de federados afectos a várias equipas que tomam parte nestes campeonatos. Este facto, que mereceu o nosso reparo no ano passado, possibilitará aos vários clubes do nacional de futebol descobrir novos

valores para o seu futuro plântel.

Estes campeonatos iniciaram-se já há várias semanas, mas nós só apresentamos os resultados desta jornada devido a impedimentos de vária ordem pelo qual pedimos as nossas desculpas aos nossos leitores. Desta forma, esta semana só conseguimos os resultados dos encontros disputados nos bairros de Bandim-2 e Reno/Gambiafada. No primeiro, como habitualmente, estão em lice seis equipas: Pulgas, Djagras, Bona Gosta, UDAK, Pamparida e Djorçon, enquanto no segundo o campeonato foi alargado a oito equipas: Mini Povo (Santa Luzia), Bombeiros e Cortanan (Pilum), Petit a Petit e Frente a Frente (Reno/Gambiafada) N'Barcanha (Nema), Tchupa Tchifre, Campeão (Tchada) e Tigres.

Resultados — Bandim-2: Djorçon, 1 — UDAK, 5; Pulgas, 2 — Djagras, 1 e Bona Gosta, 1 — Pamparida, 0. O UDAK lidera com sete pontos, seguido por Djorçon, Pulgas e Bona Gosta com cinco e os últimos classificados são as formações de Pam-

parida e Djagras com um ponto.

Reno/Gambiafada — Mini Povo, 1 — Bombeiros, 3; Cortanan, 1 — Petit a Petit, 0; Tigres, 2 — Frente a Frente, 0 e N'Barcanha, 0 — Tchupa Tchifre, 2.

BISSAU NOVO

O campeonato de defeso em futebol, que todos os anos preenche a época das chuvas nos diversos bairros da capital, teve luz verde no passado fim de semana, no Bairro de Bissau Novo.

Segundo o nosso correspondente deste Bairro, Jorge Fernando Pinto Fonseca, o Cosmos e o Reafrik empataram na primeira jornada a uma bola; Magriços e Borlistas empataram igualmente a três bolas, enquanto Alamuta e Grupo terminaram o encontro também com um empate a três bolas. A segunda jornada prosseguirá neste fim-de-semana com os seguintes encontros: Grupo-Magriços; Reafrik-Alamuta; e Borlistas-Cosmos.

Anúncios:

Nicandro José Augusto de Lacerda Pereira Barreto, Conservador dos Registos da República da Guiné-Bissau.

Nos termos da alínea b) do n.º 1 do Art.º 368.º do Código do Registo Civil, faço saber que Hilário Samba Baldé, solteiro, de 60 anos de idade, lavrador, natural de Xitole, Região de Bafatá, onde reside, de passagem por Bissau, filho de Quejara Baldé e de Botche Sané, ambos já falecidos, requer a alteração da composição de seu nome fixado no assento de nascimento para Samba Baldé.

São por isso convidados todos os interessados a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste anúncio no Jornal «Nô Pintcha».

AGRADECIMENTO

António Lopes Ribeiro, mais conhecido por

Boneca de Nha Nhinha, vem por este meio, em nome de sua mãe, irmãs, tios e em seu nome próprio, agradecer a todos aqueles que di-



gnaram acompanhar a sua ente querida esposa até a sua última morada.

Agradece ainda a todos os seus colegas de trabalho que o acompanharam na sua profundidade.

AGRADECIMENTO

Sadjo Baba, filhos e sobrinhos, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio apresentar os



AGRADECIMENTO

Regaldino Marques Vieira e família, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, manifestam por este meio o profundo agradecimento a quantos que acompanharam o funeral de sua avó, Natália Medina, até à última morada ou testemunharam, de qualquer forma, o seu pesar.

A todos, a sua gratidão.

A tradição oral e as fontes profundas da História africana

Era uma vez, nesses dias hoje longínquos em que ainda não tinha sido inventado o rádio transistorizado, um velho homem cuja memória guardava um verdadeiro tesouro de contos tradicionais e de história local. Ele e a mulher idosa que vivia na mesma aldeia, desempenhavam uma função social importante, transmitindo as narrativas dos tempos antigos, ambos guardiões do passado numa época em que não existia, por assim dizer, nenhuma versão escrita da cultura popular local.

Quando caía a noite, as crianças reuniam-se à volta da fogueira para ouvir a avó contar-lhes as histórias que elas mesmas haveriam de transmitir um dia às gerações futuras. Por ocasião dos casamentos, ou ainda das celebrações que marcavam uma abundante colheita, os habitantes da aldeia reuniam-se para ouvir o mais sábio dos antigos voltar a dizer, palavra por palavra, as narrativas reservadas a este género de cerimónias, que tinham talvez ouvido já muitas vezes, mas que constituíam um elemento vital da cultura em que tinham crescido.

Essa era uma prática familiar em todas as comunidades. Mas os tempos mudam e as culturas esfumam-se ou evoluem e, muitas comunidades perderam agora e para sempre a sua rica tradição oral.

Em África, existe sempre «o Ancião» (Homem Grande) e encontram-se, em todo o continente, homens e mulheres idosos depositários das narrativas do passado. Além disso, tendo em conta o aperfeiçoamento dos serviços de saúde, e dos equipamentos sociais, o número de pessoas idosas continuará a aumentar. Mas, será que estas gerações conservam ainda na memória estas narrativas ou, mais precisamente, conhecerão elas as mesmas histórias na sua versão original? Por outro lado, uma cultura em evolução continuará a assegurar-lhes um público capaz de apreciar a sua sabedoria e de se tornar por sua vez o detentor das tradições e

(das narrativas que lhe forem confiadas?)

OS GUARDIÕES DA TRADIÇÃO

Um jornalista, meu amigo, falava-me de uma estadia que fizera no Uganda em 1979, depois da queda de Idi Amin. Visitara certas regiões devastadas do país, onde ainda se viam as sequelas da guerra moderna: casas em ruínas e carcaças calcinadas dos veículos militares. Mas também o levaram a uma casa onde residia um homem idoso, mais que centenário.

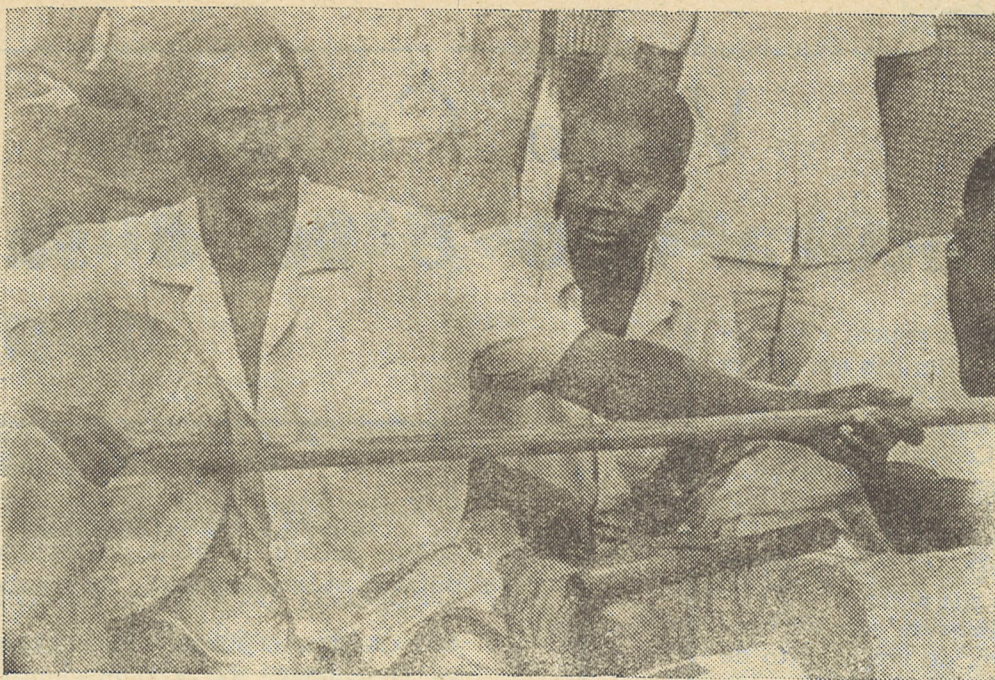
«Sabas», disse-lhe o guia, «se queres realmente saber o que se passou na última batalha que se travou aqui, é preciso que perguntes ao meu pai».

O relato do velho homem, que lhe traduziram, já nada tinha a ver com os feitos militares dos soldados modernos. Eram as suas próprias aventuras de jovem oficial no exército local durante os anos 1880.

A vida deste centenário abrangia a história do Uganda moderno, desde a chegada dos primeiros colonialistas até ao período que se seguiu à sua partida. Mas o seu saber tinha raízes muito mais profundas na história africana, porque nascera e crescera numa época em que se ensinava às crianças a história oral dos seus antepassados, em que o talento mais apreciado em sociedade era poder recitar sem se enganar numa palavra as mais longas epopeias. Os seus próprios filhos tinham-se afastado do lar tradicional; fizeram muitos quilómetros para estudar nas novas escolas que então abriam no país. Os netos tinham atravessado os mares para completarem a sua instrução. Quanto aos bisnetos, alguns ainda não tinham aprendido a língua em que ele armazenara o seu precioso saber.

Quem substituirá este patriarca como guardião da tradição?

Esta questão teria seguramente interessado JB Dongala, especialista congolês do ensino secundário, que realizou um estudo detalhado da maneira como se pode



tirar o melhor partido da riqueza cultural que ainda detêm as pessoas idosas em África.

Num memorial submetido à Divisão da Educação da Unesco, JB Dongala sublinha que ainda não é demasiado tarde para utilizar os conhecimentos dos «anciãos» mas que, contudo, é preciso andar depressa.

Aumentando o número crescente daqueles que exigem com insistência que o património oral da África seja coligido, JB Dongala propõe, entre outras soluções, interrogar os membros das gerações precedentes — quer sejam «instruídos» ou não no sentido geral do termo — no sistema educativo actual, a fim de que transmitam o seu saber por este canal.

Criou-se, salienta, «uma estratificação artificial entre os que sabem ler e os analfabetos — monstruosa invenção quando se sabe que em África o analfabetismo não significa ausência de cultura ou de educação».

PRESERVAR A MEMÓRIA COLECTIVA

Como lembra este investigador, é preciso repensar a medida com que se avaliam as criações culturais africanas e renunciar a considerá-las em função de critérios europeus. «A tarefa de recolha do património oral revela-se urgente por várias razões», insiste JB Dongala. «Se a história se acelera como se diz, esquece-se muitas vezes que os acontecimentos, mesmo os considerados importantes quando se verificam, são rapidamente esquecidos, por vezes ao cabo de alguns meses apenas. E o fenómeno é agravado no caso da memória colectiva, quando muda o quadro da vida. O que resta, por exemplo, das tradições africanas na alma dos africanos transplantados para as Américas?».

JB Dongala enumera as várias vantagens da tradição oral que, afir-

ma, é muitas vezes menos tendenciosa na sua narração dos factos do que uma fonte escrita, porque «menos elaborada e manipulada».

Nas sociedades orais da África, «não só a memória está extremamente desenvolvida, portanto é segura e digna de confiança, mas ainda a palavra dita liga os homens entre si, porque assegura a coesão da sociedade humana».

Depois de ter classificado as numerosas formas de expressão oral, desde as fábulas, a epopeia, os mitos, as charadas, o teatro e as esculturas simbólicas até às danças, JB Dongala evoca as fontes da literatura oral, como o «griot», esse trovador ambulante da África.

Mas, acrescenta, «no século da informática e dos microprocessadores quem possui as qualidades necessárias para se aproximar com bastante tacto e precaução dos antigos a fim de que participem o seu saber?».

Apesar de se estudarem há anos as tradições orais africanas, há ainda hoje falta de material que possa servir de base ao estudo deste património. A literatura existente é a maior parte das vezes demasiado especializada para ser utilizada no ensino geral, observa JB Dongala; na sua opinião, os responsáveis da educação podem facilmente introduzir este património cultural nas salas de aula actuais.

Para começar, diz ele, os alunos do ensino primário devem «aprender a ler e a escrever as línguas vernáculas». No secundário, o programa deve ser essencialmente africano na sua inspiração e o «estudo das particularidades das civilizações africanas deve pôr em evidência que uma história não deve ser composta à europeia (Antiguidade, Idade Média, épocas moderna e contemporânea), porque o que vale a divisão histórica intitulada Idade Média para a África, o Extremo Oriente ou a América pré-colombiana?».

JB Dongala preconiza uma integração dos «anciãos» nas instituições modernas, seja qual for o seu grau de instrução e junta-se àqueles que reclamam a criação em África de uma «Academia dos Anciãos».

«O adulto não-escolarizado e que conhece coisas inestimáveis sobre a natureza e a ciência local e tradicional está infelizmente excluído da vida corrente», afirma. «Poderia ser um auxílio precioso».

E para melhor descrever o valor destes sábios, cita a afirmação de Hampété-Ba: «Todo o velho que desaparece é uma biblioteca que arde». Ora, se não for memorizada, esta «biblioteca» arrisca-se a ser enterrada com o último dos seus detentores.

(UNESCO)

boomborom

Suplemento

● N.º 6
● 18/8/82

Nô Pincha

Vasco Cabral
A Cultura não é só o saber
significa uma posição
na sociedade
e no mundo

(Centrais)

Vasco Cabral

A Cultura não é só o saber

Abordou-se de tudo um pouco: a sua vida literária, o movimento literário em África e, particularmente, na Guiné-Bissau, e das directivas que o Partido, no qual é Secretário Permanente do Comité Central, vai ditar para concretizar o plano emanado do III Congresso e reafirmado pelo 1.º Congresso Extraordinário do PAIGC, no campo cultural.

O pretexto fora a recente publicação da colectânea de poemas da sua autoria. — «O livro 'A luta é a minha primavera' saiu em consequência, digamos assim, de um espírito de comunicação que normalmente deve haver entre os homens».

Vasco Cabral começou a escrever muito cedo (os primeiros poemas são anteriores a 1951). Mas havia um conjunto de circunstâncias da sua própria vida e até pelo facto de também muito cedo ter abraçado a luta, primeiro contra o fascismo e o colonialismo, ainda na qualidade de estudante e, depois, engajado em várias outras organizações democráticas.

«Em consequência disso, nunca considerei como uma tarefa principal escrever. Mas isso não quer dizer que não escrevesse. Escrevia por uma necessidade de desabafo, de exprimir através de uma forma que podia ser artística ou não, certos dos meus sentimentos, certas das minhas preocupações até mesmo algumas das angústias que eram não só minhas, mas também de toda uma geração que comigo vivia».

E do escrever surgiu o poema, e também outros textos, alguns dos quais ligados à Luta e, por conseguinte, muitos são anónimos, estão confundidos em vários documentos e a vária literatura que se foi publicando sobre a Luta de Libertação Nacional e que foram dados a conhecer como textos do Partido. Um trabalho em que adquiriu uma certa prática, um certo conhecimento e manuseamento da língua portuguesa.

Contudo, Vasco Cabral é peremptório quanto aos seus apontamentos poéticos: «Naturalmente que lhe foi dada uma forma artística, porque sempre fui uma pessoa que me liguei desde cedo à literatura e conhecendo, de uma maneira bastante profunda, algumas literaturas mundiais». Seguem-se os exemplos: literatura portuguesa dos anos quarenta e tal, brasileira, soviética e francesa, principalmente.

Os poemas agora publicados, estavam todos dispersos. Manuel Ferreira, presidente do Instituto dos Estudos Africanos estava interessado em divulgar um poeta, um escritor de origem africana como já tinha feito em relação a muitos outros. Tanto ele como outros, admitiram que os escritos tinham nível e que podiam ser publicados, para depois concluírem, como já apareceu em várias críticas e também correspondeu às palavras pronunciadas pelo «velho amigo» Urbano Tavares Rodrigues, antigo presidente da Associação portuguesa de escritores, que a expressão literária de Vasco Cabral traduz, por um lado, o momento de uma geração e, por outro lado, está ligado à concepção da escola neo-realista, «embora eu não estivesse muito espartilhado nos conceitos de escola».

O encorajamento trará à luz mais escritos. Talvez ainda este ano seja publicado um livro sobre assuntos económicos e políticos. Os textos estão a ser seleccionados. Para o ano, talvez possa sair outra colectânea de poesias.

TEMOS UMA CERTA POTENCIALIDADE

P: — E quanto ao Teatro?

R: — Nunca experimentei a forma do teatro, embora goste imenso de ver e ler teatro.

P: — E, especificamente, sobre o Teatro na Guiné-Bissau?

R: — Aqui no país, o teatro está muito inepto, como aliás o está, na minha opinião, tudo o que é literatura escrita. Mas, co-

mo frisei na sessão de lançamento do meu livro «A luta é a minha primavera», temos uma certa potencialidade que vem do passado, que está ligada à vida do povo e ao desenvolvimento das nossas forças produtivas. Não sendo o nosso desenvolvimento muito grande, acontece que nas formas de expressão literária de um povo essencialmente analfabeto, dominado pelo colonialismo, vivendo no obscurantismo, é difícil aparecer uma literatura escrita muito desenvolvida. Mas há a literatura de tradição oral, há os contos, que são elementos que contribuem e com os quais temos que contar no quadro do nosso património cultural e que podem ser aproveitados e desenvolvidos de maneira a criar uma literatura de expressão escrita. Isso, naturalmente, está muito ligado ao desenvolvimento das condições de vida, da nossa economia, da nossa sociedade, está ligado também com a nossa própria luta de libertação, onde factos novos apareceram, onde realidades novas podem inspirar as obras. O que há a fazer é um trabalho de estímulo, de esclarecimento, um trabalho crítico. É essencial um trabalho crítico, porque muitas vezes podem aparecer obras que só poderão atingir determinado nível se forem trabalhadas. Muita gente pensa que uma expressão artística é quase de geração espontânea. Pode haver uma vocação, naturalmente, mas os grandes artistas só foram isso em consequência do muito trabalho que fizeram. É preciso trabalhar sempre, estudar os outros, ouvir outras opiniões.

P: — Quais as influências que sofreu, a nível africano?

R: — Conheci muito pouco a nível africano. Aliás, a literatura africana só agora começa a ter alguma projecção. Dos grandes poetas africanos, o que mais conheci foi Senghor que, em relação à nossa geração — e quando falo da nossa geração, refiro-me a Amílcar, Agostinho Neto, Marcelino dos Santos, Mário de Andrade — era aquele que maior influência exercia sobre nós. Quase que «engolíamos» as suas poesias... Para além dele não havia, na altura, nenhum nome da poesia africana que sobressaísse. Li algumas coisas de outros poetas africanos mas nem sequer sei os poetas africanos a não ser aqueles da nossa geração que estavam lá em Portugal, que eram nossos conhecidos.

P: — Por isso, o introdutor ao seu livro de poemas tivesse podido afirmar que os poemas do camarada Vasco reflectissem os problemas...

R: — Daquela época, daquele momento. Tinha que ser, eu vivia em Lisboa.

P: — E sobre o «Mantenas para quem luta»?

R: — O «Mantenas para quem luta» é uma iniciativa de interesse, na minha opinião, mas é, de facto, um trabalho muito insipiente. São os primeiros passos embora tenhamos já alguns jovens que revelam capacidade, que têm valor como tive a ocasião de frisar na conferência em Lisboa. Também tem interesse o «Momentos primeiros de construção» dedicado a José Carlos. Por exemplo, do José Carlos eu aprecio principalmente a música e

Vasco Cabral, escritor, poeta, político, dirigente nacional. Um homem que vive a sua geração e lega a seu tributo à História: lutando pela independência do País que o viu nascer ultrapassa os limites territoriais e encarna, a exemplo de tantos outros, o ideal de conseguir resolver os problemas das pessoas exploradas.



a expressão poética que ele utiliza na música. Há uma ligação funcional poesia-música que, na minha opinião, resulta. O poema, independentemente da música, já não aprecio tanto. Mas é uma opinião pessoal. Sim, os dois livros que se publicaram aqui têm um certo valor, lançam já uma série de valores que podem vir a afirmar-se uns, outros talvez não, mas que são já uma esperança.

P: — Que pensa do movimento literário em África?

R: — Devo dizer que o movimento literário africano é um pouco mais rico do que no domínio da poesia. Conheço várias obras actuais de vários poetas, mas acho que a prosa é mais rica, a não ser o caso de Sambene Usmane que tem uma prosa muito rica mas também uma poesia bastante válida.

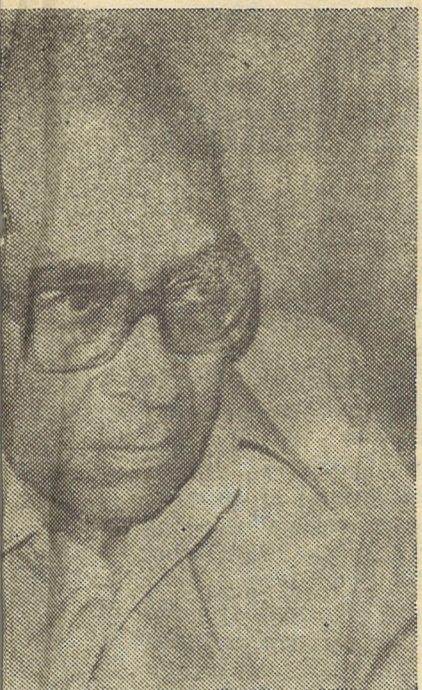
P: — Talvez por ser pouco divulgado?

R: — Sim, há um problema de divulgação. Mesmo assim, é importante que hajam já estas bases. Não há dúvida que existe um movimento literário neste momento, a nível do continente. Nas antigas colónias portuguesas, há um movimento literário rico, que já via nas outras antigas colónias sem ser a Guiné-Bissau, algumas delas com uma afirmação mais avançada do ponto de vista artístico. É o caso da literatura de Cabo Verde, mais recentemente da literatura de Angola e, também, um pouco da de Moçambique. Nestas, o seu surto está mais ligado ao desenvolvimento da própria luta armada de libertação nacional. Isso é quase universal. Com factos desses surgem sempre valores, ocasiões novas de afirmação cultural que geram movimentos literários. Os momentos épicos vividos por um povo são sempre uma razão de ser de um certo desenvolvimento da expressão literária.

A REVOLUÇÃO CULTURAL NÃO SE FAZ DE UM DIA PARA O OUTRO

P: — Que condições para o estímulo do movimento literário guineense?

R: — Penso que há duas coisas a conside-



Significa uma posição na sociedade e no mundo

consequência de acréscimos quantitativos que se vão realizando.

ORGANIZAR CINE-CLUBES

P.: Como vê a importância do Cinema?

R.: O cinema é uma forma de arte importantíssima como o é, por exemplo, o «ballet» nacional, como o é o teatro. É uma forma de arte que tem um cunho muito popular. É portanto, uma forma de educação e uma

“Cultura não é só o saber. Significa uma posição em relação à sociedade em que se vive, mas também em relação ao mundo”. Assim o reconhece Vasco Cabral ao falar para “bambaram.”

rar: por um lado as condições objectivas para desenvolver a criação artística e suscitar as manifestações artísticas. As condições objectivas estão muito ligadas com o processo sócio-económico e cultural da nossa sociedade, com a actividade que o Estado tem que desenvolver no sentido de criar condições para que as pessoas possam utilizar certos instrumentos. Evidentemente, na medida em que se acabe com o analfabetismo, que o nível educacional melhora, que se possa cada vez mais fazer conhecer ao povo não só a nossa cultura passada que seja válida, mas também a cultura de outros povos, isso suscitará, para aquelas pessoas que têm vocação artística, um exprimir-se, um manifestar-se, utilizando instrumentos artísticos. As condições para uma revolução cultural estão muito ligadas com o desenvolvimento sócio-económico do país, com o progresso em geral da nossa terra. Se essas condições forem aceleradas a revolução cultural poderá fazer-se antes. Isso está ligado também a um trabalho profundo que deve ser feito a nível ideológico pelo partido. Quando eu digo nível ideológico, quero dizer criar verdadeiramente nos indivíduos uma cultura e uma cultura para mim é qualquer coisa que está ligada com uma concepção cosmológica. A cultura não é só saber, é qualquer coisa para além do saber, porque significa uma posição em relação à sociedade em que se vive mas também em relação ao mundo. Esta a noção que tenho e sempre tive de cultura. E se conseguirmos levar as pessoas a ter consciência de qual o seu valor em relação a este conjunto, então teremos feito a revolução cultural. Mas a revolução cultural não se faz de um dia para o outro, está também ligada com o processo tecnológico e científico. Quer dizer, há uma ligação estreita entre a super-estrutura e as infra-estruturas e o processo de desenvolvimento das infra-estruturas tem influências sobre o desenvolvimento das super-estruturas. A cultura é uma forma de super-estrutura na sociedade.

P.: Concorda que haja mais atenção para o desenvolvimento sócio-económico que para a Cultura?

R.: Não concordo. Penso que é difícil estabelecer, em termos quantitativos, que é mais ou que é menos. Criam-se condições para o desenvolvimento sócio-económico para a transformação das infra-estruturas na sociedade e não há dúvida que a economia está na base do desenvolvimento da sociedade, mas também que está ligada, ao mesmo tempo, com todo o desenvolvimento anterior, não só do ponto de vista do processo económico, mas também do próprio processo cultural. E penso, que, a uma certa altura, há transformações qualitativas que se produzem em

forma de transmitir cultura, aquela cultura no sentido a que eu me referi há pouco. É fundamental, para isso, que as pessoas que têm responsabilidades não só do desenvolvimento sócio-económico, particularmente da evolução cultural que pode sofrer o nosso povo, dirijam o cinema no bom sentido. Quando eu digo dois sentidos, foco dois aspectos: por um lado, na divulgação que se

faz de certo tipo de cinema; por outro lado, na produção que deve vir a fazer-se do nosso próprio cinema. Actualmente, já existem valores no cinema africano, já há um cinema africano, embora não muito desenvolvido. Mas isso também está muito ligado a certas condições de desenvolvimento económico, porque o cinema exige meios financeiros, não é apenas a capacidade de realização, a capacidade de produção ou a capacidade artística, há outras coisas que estão ligadas com o problema. Mas como forma de educação penso que, na Guiné-Bissau, poderemos utilizar o que tem desempenhado noutros países um papel muito importante, a forma de organização de cine-clubes, sobretudo para a nossa juventude e que é uma forma de agitar, de mobilizar, de a interessar por coisas válidas da vida. Há que organizar isso. O Partido já pensou nisso, nós já discutimos isso no Partido. Na medida em que possamos organizar, devidamente, o Partido, em que possamos realizar todas as coisas que temos na cabeça mas que por enquanto, não é possível concretizar por falta de meios técnicos, equipamentos, instrumentos, etc., estou convencido que o cinema pode contribuir para uma visão mais universalista, cada vez mais cultural, no sentido em que eu referi a cultura há momentos, do homem guineense.

Galinha djidiu na Djiu di Galinha

3.º Lugar nos jogos florais

Otcha intchenti di Diba
Bajta cola branco
Pa simola di simintera
Di nha luta;

Iagu sibido rumpi corson
di preto, na preto lei
Na fiança di rosson,
Sigrido di matchundadi.

Bassanti leba sangui,
pa regua firquidja di tarrafi,
cu padi é pinji cu tufuli
Floresta di bantabá.

Branco mata...
Preto muri...
Curpu cu seta pretasco,
Boia na Pindjiguiti.

Mininu di Tabanka!
Tabanka di matu!
Mininu di luta!
Luta di pubis!

Zé Carlos nha ermon,
Pena n'sinti,
Pa poeta cu n'miti sedo
Suma bô, na misquinha:

Bambaram ratidjadu...
Ordidja satidjadu...
Fidju nega papé,
Cumadre caba cassamenti.

Combatenti cu bu sedu,
nô na sedu també.
I el dé. Raiz di luta patchali.
Ampus, nô na báta bam só.

Boca cú cumé sal
na barrapa dôss,
Lambés, cancurans,
pé dentro má sábi.

Galinha Djidiu
na Djiu di Galinha.
Cantiga di luta, walá.
Sintido na luta, walá.
Claressa canta Galo.

Santa praça di bandidasco,
mininu di n'doli
na sardia na mentu.
Cuma pancada di quiriasson
ca ta cumpu.

Mon cu carusa galu
na squirbi.
Costa cu tissina suti na carga.
Má boca ca ta seta cala.

Si côra i di terra,
i djidiu di côra.
Na nega bedjo
pá p'punta iaia más
Qué qui liberdadi.

Strela nha ermon:
Céu stá di luto.
Lua tchami na
Turpessa di rônia;
Iran n'djeta cana.

Pastru garandi bin
cu si obu di fugo na cansera Zé,
pastru garandi
bin sin obu i leba alma
na kerença di Guiné.

Padida di Mampufa!
Sabura na badju du KEBUR,
gustus nan suma mi,
má carrera di burro
ca na caba na pé di cutêlu.

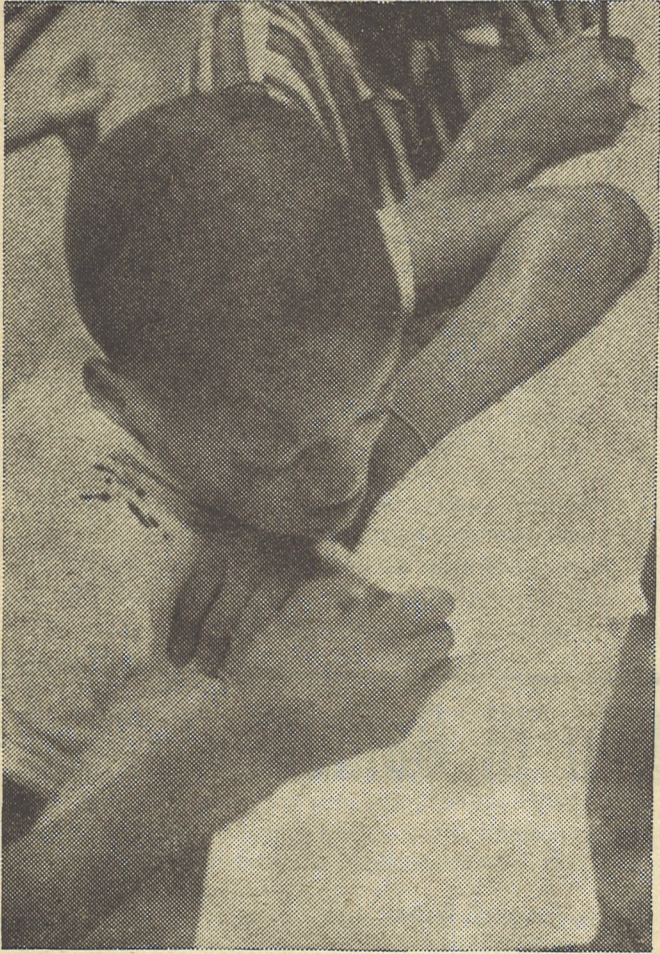
Leja quema,
claressa numia
matu di pó,
pa mangasson calla,
di badja cumpó.

Turbaja é ménoti:
Santchus cu ca durmi
Cana durmi djá.
Pá faci sabi na terra,
Né bardadi cu tem pá conta.

VASCO BARROS — Bairo d'Ajuda

Promoção da unidade linguística africana

A Organização da Unidade Africana (OUA) tinha somente três anos de vida quando os seus fundadores reconheceram que a independência e a unidade africana não podem ser realizadas a não ser que os Africanos fizessem uma luta simultânea nos planos político, económico, cultural e linguístico. Para promover a unidade cultural e linguística, os chefes de Estado decidiram criar o que é presentemente conhecido sob a sigla BIL — o Bureau inter-africano de línguas da OUA. Passava-se três anos após a fundação da OUA em 1963. Contudo, apesar da sua existência, o Bureau de línguas da OUA não fez progressos notáveis. David Ndyababo, da revista oeste-alemã «Afrika», entrevistou o director do BIL, o dr. Kahombo-Mateene, conforme a seguir publicamos.



P.: Como vêm os líderes africanos o uso contínuo de línguas estrangeiras como línguas oficiais de trabalho?

R.: Os fundadores da OUA estipularam claramente na carta que a utilização de línguas estrangeiras seria temporária — até ao momento em que as línguas africanas se tivessem desenvolvido.

P.: Está satisfeito com a forma como os líderes africanos tratam actualmente esta importante questão do desenvolvimento de línguas africanas?

R.: Os principais objectivos do Gabinete tal como foram definidos pelos fundadores contrastam, estranhamente, com a política cultural e linguística que a maior parte dos Estados africanos seguem desde 1960. O Gabinete tem como tarefa promover a utilização prática de línguas africanas no interior de cada Estado e entre os Estados membros da OUA. A independência e a unidade africana não podem ser realizadas a não ser que os africanos façam uma luta nas frentes política, económica, cultural e linguística. A África

sofreu durante muito tempo uma dominação cultural. Antes da chegada dos Europeus ela já tinha as suas línguas bastante desenvolvidas. Mas, em vez de fazer as suas manobras coloniais nas línguas africanas indígenas, estes Europeus impuseram-nos as suas línguas. O problema linguístico africano foi introduzido pelas potências coloniais.

P.: Diz-se que alguns líderes africanos preferem recorrer às línguas europeias com a desculpa de que as línguas africanas indígenas não estão ainda completamente evoluídas.

R.: Não podemos desviarmo-nos da carta da OUA. Seria entrar em contradição com o que defendemos. Certos líderes africanos esperam poder realizar a unidade linguística da África pela promoção de línguas europeias. Estes líderes esquecem o nosso principal objectivo, a promoção da unidade linguística africana. E as línguas europeias estão ainda em desenvolvimento — nenhuma língua está completamente desenvolvida — e seria falso afirmar o contrário.

P.: Querirá dizer que as línguas europeias não deveriam ser, em absoluto, ensinadas em África?

R.: Para aprender a Química, dir-se-á ser necessário começar por aprender o inglês e ter bons conhecimentos desta língua. Devemos fazer evoluir as nossas línguas até ultrapassar os limites traçados arbitrariamente pelas potências coloniais.

P.: Continuamos na retaguarda porque nos concentramos demasiado sobre as línguas estrangeiras?

R.: Sim — é isso. Enquanto uma criança inglesa aprende a química em Inglaterra, em África dizemos às nossas crianças «despacha-te a aprender o inglês para poderes aprender a química». Perdemos muito tempo com as línguas europeias — e temos de alcançar a Europa no domínio tecnológico. Como já sublinhei, alguns destes problemas linguísticos que hoje temos são devidos aos líderes e aos intelectuais africanos. Por exemplo: a língua wolof é falada no Senegal por mais de 80% da população enquanto que a língua de trabalho oficial é o francês que somente é falada por 10% da população. Compreenderá pois o que é que eu quero dizer.

P.: Pensa ter havido um recuo na nossa dependência linguística em relação à Europa?

R.: Se os africanos em vez de considerarem que as línguas coloniais os mantêm numa escravidão é necessário ainda desembaraçar-se, continuam a dar a estas línguas um estatuto oficial, é porque acreditam, pelo mal bem entendido, que estas línguas lhes dão privilégios dos quais o que é citado mais frequentemente é de natureza científica. É falso acreditar que a ciência e a tecnologia são apanágio das línguas europeias. Uma língua é meio de

expressão e tem sempre o mecanismo que permite exprimir aquilo que o seu utilizador lhe pretende fazer exprimir. Se os conhecimentos científicos foram concebidos e adquiridos por uma língua, podem também ser interpretados e expressos em qualquer outra língua. O que quero dizer é que nenhuma língua pode ser considerada como mais privilegiada que a outra. As línguas africanas devem ter o direito de ser escritas e lidas. Estas línguas devem ser o meio de comunicação oficial em África. Devemos ter uma língua africana para haver uma língua de trabalho oficial africana.

P.: Pensa, no entanto, que tecnicamente ou cientificamente falando, as línguas africanas estão assim tão evoluídas que possam concorrer com as línguas europeias?

R.: Nenhuma língua está completamente desenvolvida — nunca. A África nunca poderá alcançar a tecnologia europeia se os nossos intelectuais continuarem a utilizar as línguas europeias. Dizem que não podemos ensinar as matemáticas na nossa língua africana — dizem que as nossas línguas são primitivas — mas que dizer do japonês e do chinês? O Japão decidiu manter a sua língua. Poderia ter optado pelo inglês ou pelo francês. As línguas africanas devem ser desenvolvidas. Elas podem ser utilizadas como um meio de ensino.

Noção de dialecto

Os subentendidos políticos de uma linguagem pseudocientífica

Gramática e dicionário do crioulo

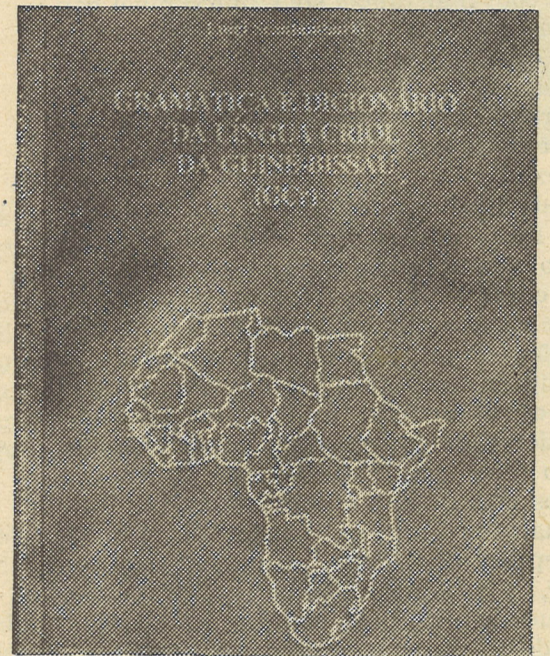
Uma «Gramática e dicionário da língua crioula da Guiné-Bissau», com 255 páginas e quatro mil vocábulos, da autoria do missionário italiano Luigi Scantamburlo, foi editada recentemente na Itália, estando agora à venda na Casa da Cultura.

Feito o historial do crioulo, a laboração do livro é justificada pelo padre Scantamburlo como uma contribuição «para impulsionar futuros estudos e pesquisas, os quais só poderão ser efectuados por um grupo de pessoas que falem a língua crioula».

Se bem que do ponto de vista técnico, seja mais fácil adoptar uma língua internacional, a portuguesa, do ponto de vista social e cultural — diz a introdução ao livro — a implantação do crioulo significa, antes de tudo, relações e comunicações mais fáceis entre pessoas de grupos linguísticos di-

ferentes, pela fácil aprendizagem do crioulo; um sentimento real de igualdade entre os cidadãos da nova República, pois ajudará a ultrapassar a situação de choque entre os estudantes pró-Western que falam a língua portuguesa e aqueles que nunca poderão falar a língua oficial fluentemente; e porque o crioulo é o melhor meio linguístico nacional para transmitir as tradições do povo da Guiné-Bissau. Recentes estudos sócio-linguísticos revelaram uma espécie de relacionamento entre meios de comunicação e várias maneiras de viver e pensar.

O padre Scantamburlo, actualmente missionário na Ilha de Canhabaque, Região de Bolama-Bijagós, defendeu nos Estados Unidos uma tese sobre os usos e costumes dos Bijagós, preparando agora um livro sobre a relação língua/religião dos Bijagós de Canhabaque.



Como para os termos de «raças» e de «tribos», a palavra «dialecto» foi usada só para a África, a designação de «línguas» era reservada ao inglês e ao francês.

Ora, o dialecto, é a variedade regional de uma língua. Existem muitas línguas em África, o que se pretendeu negar. Estas línguas são insubstituíveis, mesmo se os modelos propostos, o inglês e o francês, tiverem as suas vantagens.

O número de línguas faladas em África não é maior do que aquele que existe na Europa. Por exemplo, em França, eliminou-se o falar celta após a conquista de Júlio César, da mesma maneira que a língua de Oc e a língua de Oit, e isso devido à preocupação de centralização. Ora, sabe-se que hoje há uma renovação destas línguas.

Fala-se também da pobreza das línguas africanas. Mas não existe uma língua intrinsecamente mais rica ou mais pobre que as outras. As línguas são o reflexo de uma situação e de uma experiência sócio-cultural e elas variam em função da evolução das sociedades. É certo encontrar-se palavras que não existem em certas línguas, mas são termos artificiais que se forjam e não pertencem à língua natural. Uma língua especializada, é forjada. Todas as línguas se entrelaçam e todo o mundo se deve compenetrar desta ideia.

Grécia e Turquia melhoram relações

O ministro turco dos Negócios Estrangeiros anunciou que os chefes da diplomacia da Turquia e da Grécia avistar-se-ão a 2 de Outubro próximo, em Ottawa, com o objectivo de resolverem os desacordos existentes e de melhorarem as relações entre os dois países vizinhos.

O comunicado sublinha que os governantes da Turquia e da Grécia chegaram a acordo para evitar todas as ações e declarações que poderão provocar polémicas recíprocas, a fim de se assegurar uma atmosfera favorável a uma reunião dos ministros dos dois países.

Uma tal tendência nas relações, resfriadas há longo tempo entre os dois vizinhos do mar Egeu, pode ser acolhida não somente como um passo positivo nas suas relações bilaterais, mas também como uma contribuição válida para o futuro desanuviamento no Mediterrâneo e nas redondezas de Chipre.

A anunciada reunião entre os chefes de governo turco e grego é, sem dúvida, fruto das sugestões dos aliados ocidentais dos dois países, os quais estima que o Ocidente não tem necessidade de «conflitos de famílias» na sensível ala sul do pacto de OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e no Mediterrâneo.

África do Sul intensifica agressão a Angola

A África do Sul, tal como Israel, tem actuado no Médio Oriente, alarga as suas agressões armadas na África Austral, e tem como objectivo principal derrubar o governo de Angola. Com efeito, o alto comando militar racista reconheceu na quarta-feira passada que tropas sul-africanas desencadearam mais uma incursão de grande envergadura em território angolano.

Como sempre, o governo sul-africano argumenta, desde que ocupou militarmente a parte sul daquele território em Agosto do ano passado, que se trata de operações contra pretensas bases da SWAPO existentes em Angola.

Durante a reunião dos chefes de Estado em Tripoli, o presidente angolano José Eduardo dos Santos, informou que a África do Sul mantém no sul de Angola um efectivo de 5 500 homens e um elevado número de materiais de guerra, com os quais já provocou a morte de centenas de milhares de pessoas, enquanto que (comprovados por jornalistas de vários países), só existem campos de refugiados namibianos no seu país.

O líder da SWAPO, Sam Nujoma, falando na reunião de Tripoli, afirmou que em relação à descolonização da Namíbia, não está ainda definido o sistema eleitoral e a composição das forças da ONU de supervisão do cessar-fogo, continuando-se a insistir na associação da independência do território a retirada das tropas cubanas de Angola.

SWAPO ABATEU HELICÓPTERO «PUMA»

Por outro lado, devido aos fracassos resultantes das conversações para a descolonização da Namíbia, um comunicado da SWAPO afirmou que a única via é intensificar a luta armada contra a ca-

marilha de Pretória, que pretende retardar o processo de independência.

Assim, um comunicado do Exército Popular de Libertação da Namíbia (PLAN) declarou ter atacado e destruído, no dia 4 de Agosto, uma base militar dos racistas em Omahenene, no noroeste do país. Nesta operação, as forças de Pretória perderam 30 militares e grande quantidade de material. No dia 10 do corrente mês, os guerrilheiros da SWAPO derrubaram um helicóptero «Puma» sul-africano, tendo morrido os seus 15 ocupantes.

SOLIDARIEDADE COM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

O líder da revolução líbia, Moçamar Kadaffi, anunciou durante a reunião dos chefes de Estado africanos em Tripoli, a sua intenção de contribuir na actual luta da África Austral para a libertação total do continente, pondo à disposição de Angola e Moçambique a força aérea do seu país.

Na mesma reunião, o chefe de Estado do Madagascar, Didier Ratsiraka, pôs à disposição de Angola e Moçambique dois dos seus aviões de guerra, e contribuiu com uma ajuda simbólica de 10 mil dólares. O dirigente malgache afirmou que o que está a acontecer actualmente no Líbano poderá repetir-se na África Austral perante a cumplicidade da comunidade internacional.

Por seu turno, o presidente de São Tomé e Príncipe, Pinto da Costa, afirmou que o seu país, apesar dos fracos recursos económicos, continuará a enviar para Angola brigadas médicas e medicamentos, como apoio à luta de libertação da Namíbia.

Demissão na Gâmbia

Abdulay Mbuy, ministro do Interior da Gâmbia, apresentou a sua demissão ao presidente Dawda Jawara, que a aceitou «com pena», segundo um comunicado oficial.

O ministro demissionário foi substituído por Alieu Badji, antigo embaixador gambiano na Arábia Saudita.

Por outro lado, o ministro da Educação Nacional, da Cultura e da Juventude e dos Desportos da Gâmbia, Abdulay Njie, efectua desde sábado passado uma visita de trabalho de quatro dias no Senegal.

Nelson Mandela: um patriota há 20 anos na prisão

Nelson Mandela, antigo presidente do Congresso Nacional Africano (ANC), principal movimento de libertação da África do Sul, iniciou a 5 de Agosto o seu terceiro decénio na prisão.

Devido a 5 de Agosto de 1962 por «incitação à greve» e acusado de ter abandonado o país sem autorização, Mandela foi condenado pela primeira vez a cinco anos de prisão. Du-

rante a sua detenção, em 1964, foi novamente inculcado, após a descoberta pelas autoridades racistas sul-africanas da sede clandestina do «Umkhonto We Sizwe», braço armado do ANC, de que é um dos fundadores.

No final do «processo de Rivonia», a justiça do apartheid condena Nelson Mandela e sete dos seus companheiros à prisão perpétua e são en-

carcerados na penitenciária da ilha de Robben, ao largo da província do Cabo.

Apesar dos numerosos protestos e apelos da opinião internacional, o regime racista da África do Sul não libertou Mandela, sem dúvida por recear o prestígio de que goza este grande patriota no seio da maioria africana do país.

Espanha: A alternativa reformista

Depois da França e da Grécia, Espanha poderá vir a ser o terceiro país da Europa Mediterrânica dirigido por um governo de maioria socialista.

Com efeito, o resultado das últimas sondagens eleitorais indicam o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) como o indiscutível favorito — 37 por cento dos votos — enquanto o actual partido no poder — a

União do Centro Democrático (UCD) — obterá apenas uns sete por cento dos sufrágios.

No entanto, contrariamente às formações do francês Mitterrand e do grego Papandreou, o PSOE de Filipe Gonzalez não poderia, por si só, conseguir uma maioria suficiente para governar sozinho; razão pela qual os dirigentes socialistas espanhóis propõem a formação

de «uma maioria para a mudança».

Face à decomposição que se vem operando nas fileiras da equipa no poder, e tendo em conta a hipótese de uma aliança pós eleitoral, podem-se considerar boas as perspectivas dos socialistas.

As próximas eleições legislativas estavam marcadas para Março de 1983, mas segundo a maioria dos observadores, o actual chefe do Governo, Leopoldo Cal-

vo Sotelo, poderá dissolver o Congresso em Setembro e convocar eleições para Novembro.

Causou grande impacto nos meios políticos espanhóis as últimas tomadas de posição de Adolfo Suarez, nitidamente favoráveis às forças reformistas do país.

Obrigado a renunciar ao seu cargo de presidente do Governo de Espanha por pressões militares, Suarez, que conduziu

os primeiros anos do pós-franquismo, voltou novamente à vida política activa, depois de 18 meses de ausência, com a criação de um partido — o Centro Democrático Social (CDS).

A necessidade de defender uma democracia ainda não consolidada e a forma das estruturas económico-sociais injustas constituem os dois pontos principais do programa do novo partido.

AJUDA DE CUBA

HAVANA — O Governo cubano vai fornecer um novo auxílio de 80 milhões de dólares à Nicarágua. Entre os projectos cobertos por este apoio figuram a construção de pontes, escolas e edifícios de habitação, tal como o estudo de uma nova rede de caminhos de ferro, em que também participa a França.

MUDANÇA DE NOME

LUANDA — A cidade de Moçamedes, no litoral sul de Angola, passou a chamar-se Cidade do Namibe, assim como a província do mesmo nome. Por seu lado, Porto Alexandre, a segunda cidade mais importante da província, passou a designar-se Tombua, palavra que em língua macubal significa um género de cacto predominante no deserto do Namibe.

AUXÍLIO ALEMÃO

BONA — A Alemanha Federal vai prestar um auxílio alimentar a Moçambique, na sequência da aceitação, por Maputo, da chamada cláusula de Berlim, anunciaram as autoridades alemãs. Bona exige que Berlim Ocidental consente em todos os tratados assinados entre a RFA e outros países.

Moçambique vai receber 3 mil toneladas de milho de ajuda alimentar.

CRISE ECONÓMICA

FREETOWN — O ministro das Finanças da Serra-Leoa, Salia Jusu-Sheriff, obteve o apoio do parlamento ao propor financiar as despesas públicas durante quatro meses com os fundos consolidados, até que esteja em condições de apresentar um «orçamento realista», susceptível de «evitar uma catástrofe económica», soube-se em Freetown.

No seu discurso sobre o orçamento, Jusu-Sheriff anunciara, há cinco semanas, que a Serra-Leoa estava «confrontada a uma grave crise económica e financeira».

REUNIÃO ISLÂMICA

JEDDA — O secretário-geral da organização da Conferência Islâmica, o tunisino Habib Chatti, informou que a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países islâmicos terá lugar em N'amey, capital do Níger, de 20 a 27 de Agosto.

A China concede crédito à Guiné-Bissau

● Chegou a nova equipa médica

A República Popular da China vai conceder crédito ao nosso país em mercadorias, no valor de 3 milhões de yans, cerca de 75 milhões de pesos, conforme um acordo assinado, sábado passado, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, entre o Ministro do Comércio e Artesanato, camarada Carlos Correia e o Embaixador chinês acreditado em Bissau, senhor Liu Ying Xiang.

Durante o acto, a que assistiram o Governador do Banco Nacional da Guiné-Bissau, Godinho Gomes e Lamine Haidará, Director-Geral do

MNE, o titular da pasta do Comércio realçou a importância da ajuda e recordou os laços que há muito unem a Guiné-Bissau à República Popular da China.

«Este gesto irá contribuir significativamente ao esforço do nosso Governo para abastecer o nosso mercado, sobretudo nas zonas rurais», salientaria o camarada Carlos Correia.

O diplomata chinês Liu Ying Xiang, após afirmar «ficaremos muito satisfeitos se a ajuda for vantajosa para a Guiné-Bissau», referiu que a recente vi-

sita do camarada Presidente do Conselho da Revolução ao seu país, possibilitou o fortalecimento das relações entre os dois povos.

«Estamos convencidos que sob a condução de João Bernardo Vieira a Guiné-Bissau alcançará vitórias».

MÉDICOS CHINESES

Entretanto, o Primeiro-Ministro, Victor Saúde Maria, recebeu na manhã de segunda-feira, no seu gabinete, os cumprimentos da nova equipa médica chinesa chegada recentemente ao país e que irá exer-

cer actividades no hospital regional de Cantchungo.

Trata-se de mais uma equipa médica chinesa que vem operar no país, desta vez constituída por 15 elementos, entre médicos, especialistas, intérprete e condutor. Assistiu ao encontro o Ministro da Saúde e Assuntos Sociais, camarada Carmen Pereira, bem como o Director-Geral da Assistência Hospitalar, dr. Sabino Dias, que acompanhou a delegação até Cantchungo, no mesmo dia.

Seminário sobre a nutrição

O valor nutricional dos alimentos, os efeitos da má nutrição e soluções ao alcance para o seu saneamento, foram os principais temas debatidos num seminário sobre a nutrição e gestão alimentar e que visa essencialmente abordar os problemas mais pre-

mentados para a melhoria da dieta alimentar das nossas crianças.

O seminário que terminou no passado dia 14, decorreu na Escola de enfermagem «Fernando Cabral», foi organizado em comum pelo Ministério da Saúde e Assuntos Sociais e

pelo PAM (Programa Alimentar Mundial).

Colaboraram no seminário, para além de funcionários do MSAS, técnicos do ministério do Desenvolvimento Rural e dos Recursos Naturais, bem como o coordenador da OMS e os representantes do PAM e da FAO.

Cooperação com Portugal

A possibilidade de Portugal importar oleaginosas da Guiné-Bissau foi abordada recentemente em Lisboa pelo Ministro da Economia e Finanças, camarada Victor Monteiro e pelo secretário de Estado português do Comércio, senhor Escaja Gonçalves.

Na reunião participaram ainda o director-geral dos Armazéns do Povo, camarada Lobo de Pina e Leonel Vieira nosso embaixador em Portugal.

O ministro Freire Monteiro que se encontra desde a semana passada naquele país foi recebido em audiência por vários responsáveis do governo português, nomeadamente pelo secretário de Estado da Cooperação e Desenvolvimento, senhor Luís Fontoura, pelo secretário de Estado dos Transportes, senhor Silva Domingos e pelo Administrador da Gulbenkian, senhor Victor de Sá Machado.

Utilização dos recursos humanos

Após ter representado o nosso país nos trabalhos da segunda Conferência dos peritos governamentais africanos, convocada pelo Bureau Regional para a África do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), regressou a Bissau no passado sábado o economista Bernardino Cardoso, da Secretaria de Estado do Plano e da Cooperação Internacional.

Esta conferência realizou-se em Libreville (Gabão) de 2 a 11 do corrente mês, tendo sido consagrada ao desenvolvimento e à utilização dos recursos humanos. No que se refere ao capítulo da organização do desenvolvi-

mento dos recursos humanos, os participantes à Conferência de Libreville ao abordarem a organização das estruturas encarregues do desenvolvimento e da utilização dos recursos humanos nos seus respectivos países, sublinharam o papel central acordado aos órgãos de Educação e da Formação.

Esta situação, de acordo com os peritos, traduz-se por uma diversidade e dispersão de esforços nesse domínio. Ainda durante a conferência, várias delegações realçaram a fraqueza dos órgãos de planificação implantados, que não permitem estabelecer uma adequada formação-emprego.

Entretanto, no capítulo da Educação, os peritos governamentais africanos recomendaram que «experiências levadas a cabo em matéria de promoção de línguas nacionais devem ser reforçadas em benefício dos países africanos que desejem utilizar a sua língua nacional para o desenvolvimento da Educação».

Finalmente, no capítulo da Formação, uma recomendação referente ao desenvolvimento e intensificação da cooperação entre os países africanos no sector da colecta de dados sobre a formação, o emprego e a classificação dos empregos foi adoptada pelos peritos africanos reunidos em Libreville.

Registo

O que está em causa

O nosso Governo manifestou, diversas vezes, a vontade política de fazer da agricultura um factor de desenvolvimento. E a pensar nisso vamos trilhando o caminho para que o camponês se sinta como sua a responsabilidade de reconstruir esta terra. É nisso que devemos atinar bem a agulha para que a prática não contradiga as palavras de ordem. É verdade que uma intenção só é válida quando for concretizada. Muito espinhosa é a missão que abraçamos, esta de fazer um jornalismo de participação. A nossa pretensão é só esta: medir a temperatura do itinerário de um todo, cujo objectivo é a convergência num só ponto — o desenvolvimento.

Oportunamente reportámos numa das páginas deste jornal a lamentável situação da mancarra, recolhida na campanha anterior, estar a estragar-se. Parecia e parece-nos que a questão é de todo grave e não nos moveu nenhuma má fé ao veicular tal facto. Os prejuízos que a notícia poderá provocar na exportação parecem ter constituído a preocupação de alguns.

Reconhecemos como legítima a preocupação. Mas dissociar a questão do factor produção, em que deverá merecer a nossa maior atenção a qualidade do produto, será um pouco injusto. Porque o aumento da produção e produtividade deve ser acompanhado da implantação de infra-estruturas necessárias ao escoamento. Contrariamente, pode assistir-se a uma quebra psicológica do camponês e consequentemente a queda da produção.

Com efeito, manda-nos a deontologia profissional esclarecer que os 10 milhões de dólares a que nos referimos na reportagem correspondem a toda a mancarra comercializada pela Socomin e pelos Armazéns do Povo durante a campanha do ano passado. Porque, para além das cerca de nove mil toneladas amontoadas no Leste, existe uma outra quantidade armazenada em Bissau (também em condições que deixam muito a desejar) no Ilhéu do Rei, para onde não nos conseguimos deslocar.

Mas insistimos que o pano de fundo constitui as más condições de armazenamento daquele produto cuja produção tem vindo a aumentar consideravelmente.

Somos obrigados a referir que no armazém dos A.P. as condições de armazenamento não são boas. A água das chuvas consegue introduzir-se. Na conversa que tivemos com o encarregado, este afirmou-nos que «agora até está melhor».

No armazém da Socomin o responsável caracterizaria a situação referindo que «temos que estar diariamente a mudar a mancarra para não apanhar água».

Por aquilo que nos foi dado avaliar não restam dúvidas que mais mancarra poderá estragar-se ou perder a qualidade, como de resto nos apercebemos da conversa que mantivemos com um técnico da agricultura que nos informou que já convocaram uma reunião com os Armazéns do Povo com vista a um possível apoio técnico a fim de atenuar o mal, mas tudo sem concretização.

Sem intuito de procurar gerar polémica, este registo vem vincar uma preocupação legítima que poderá até ser partilhada por um simples cidadão, pois a reconstrução nacional é uma tarefa que pertence a todos.

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NO PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

REDACÇÃO: António Tavares, Baltazar Bebiano, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, Pedro Albino, Pedro Quadé, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tchuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.